



## Entrevista

# Educação e Resistências que Ecoam da Amazônia: entrevista com Miguel Arroyo

Education and Resistances that Echo from of the Amazon: an interview with Professor Miguel Arroyo

Reinaldo de Souza Marchesi<sup>1</sup>, Leonardo Zenha Cordeiro<sup>2</sup>

Universidade Federal do Pará (UFPA), Altamira-PA, Brasil.

### Resumo

Esta entrevista com o professor Miguel Gonzáles Arroyo foi realizada à margem esquerda do rio Xingu, na cidade de Altamira (PA), em 02 de julho de 2019, por ocasião da sua participação na 1ª Jornada Acadêmica de Etnodiversidade (JAETNO) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Arroyo se impressiona com a cidade de Altamira e nos fala rigorosamente do momento nacional que estamos vivendo: da perspectiva da concretude histórica, dos ataques às ciências humanas e à educação e, em especial, à infância. Inquieto com as questões educacionais e suas interações com diversas áreas do conhecimento, ele nos leva à reflexão sobre o papel da resistência dos educadores do Brasil, em especial da região Amazônica.

### Abstract

This interview with Professor Miguel G. Arroyo was carried out on the left side shores of the Xingu River, in Altamira (PA), in July (2th) 2019. The interview occurred during his participation in the 1st Academic Ethnodiversity Conference (JAETNO) at Universidade Federal do Pará (UFPA), Brazil. Arroyo was impressed with the city of Altamira and spoke strictly about the national context we are experiencing at the moment: From the perspective of concrete historical factors, attacks on human sciences, and education, specifically attacks towards childhood. Uneasy about the issues and their interactions with different areas of knowledge, Arroyo led us to reflect on the role of the resistance of educators in Brazil, especially in the Amazon region.

**Palavras-chave:** Amazônia, Etnodiversidade, Educação, Resistência.

**Keywords:** Amazon, Ethnodiversity, Education, Resistance.

**Palabras claves:** Amazonas, Etnodiversidad, Educación, Resistencia.

---

<sup>1</sup> Professor da UFPA. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-7867-2518> E-mail: [reinaldomarchesi@gmail.com](mailto:reinaldomarchesi@gmail.com)

<sup>2</sup> Professor da UFPA. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-2474-8112> E-mail: [leozenha@gmail.com](mailto:leozenha@gmail.com)

## Introdução

A presente entrevista reúne elementos que consideramos inéditos pelo contexto onde foi realizada e também pela abordagem construída. Foi realizada à margem esquerda do rio Xingu, na cidade de Altamira (PA), no dia 02 de julho de 2019, por ocasião da 1ª Jornada Acadêmica de Etnodiversidade (JAETNO) na Universidade Federal do Pará (UFPA). Contudo, antes de transcrevermos este diálogo, inicialmente faremos uma breve apresentação de nosso interlocutor e depois relataremos a dinâmica desse evento que deu oportunidade à construção e à realização desta entrevista, para, só depois, compartilhá-la com os leitores.

Miguel Gonzáles Arroyo é um dos grandes pensadores no cenário educacional, político e social brasileiro. Nascido na Espanha em 1935, em razão de perseguição, radicou-se no Brasil no final da década de 1950, fugindo da ditadura franquista (1939-1975). Importa destacarmos que aqui, ao longo da sua trajetória, passou pelos golpes de 1964 e 2016, acontecimentos históricos que reverberam a tradição autoritária e violenta da elite que ainda governa nosso país, sobre a qual Arroyo tece duras críticas. Graduado em Ciências Sociais (1970), mestre em Ciência Política pela Universidade Federal de Minas Gerais (1974) e doutor em Educação pela Stanford University (1976), é Professor Titular Emérito da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e tem importante atuação em projetos e orientações de pesquisas nessa instituição e em diversas outras universidades do país e do mundo.

Com uma longa trajetória em defesa da educação, o professor Arroyo é autor de diversos livros, artigos e ensaios na área, com contribuição inegável para pensarmos as desigualdades e as injustiças sociais que assolam o cenário educacional, político e social brasileiro. Muito além dos limites profissionais de uma carreira exemplar, ele nos provoca com sua fala militante e desafiadora, que permite refletir sobre a educação em suas relações com os desafios de uma sociedade mais justa e menos desigual. Seu discurso é crítico. De palavras simples e diretas, mas sempre contundentes e provocadoras, traz elementos para pensarmos a educação dos excluídos, marginalizados, ameaçados e oprimidos, das periferias das cidades e do meio rural.

É nessa frutífera perspectiva de ações e reflexões que a participação do professor Arroyo na 1ª JAETNO trouxe elementos para dialogarmos sobre os desafios da educação no contexto amazônico e nacional.

A 1ª JAETNO, na Universidade Federal do Pará (UFPA), foi organizada pelos docentes, estudantes e técnicos da Faculdade de Etnodiversidade (FACETNO) e configurou-se como um evento guarda-chuva que abrigou quatro outros eventos concomitantes, a saber: II Encontro Acadêmico da Etnodiversidade; I Encontro dos Estudantes de Educação do Campo da Transamazônica e Xingu; Encontro do Fórum Paraense de Educação do Campo (FPEC) e; Encontro dos alunos da Pós-Graduação em Educação por Inversão Pedagógica: inclusão para emancipação em territórios socioeducativos na Transamazônica-Xingu. Todos esses espaços formativos foram organicamente construídos na coletividade e fortalecidos com a presença do professor Arroyo que participou desse momento fecundo de

produção de conhecimentos, de troca de saberes, de ensinamentos e aprendizagens na Amazônia.

**Fotografia 1** – Conferência de abertura da 1ª JAETNO.



Fonte: Marchesi (2019)

Na conferência de abertura da 1ª JAETNO, no auditório da Secretaria Municipal de Educação de Altamira, o professor Miguel Arroyo falou sobre "os desafios da educação no cenário político atual", dando início a uma semana intensa de atividades, entre elas: palestras, rodas de conversa, minicursos, oficinas, comunicações orais e pôsteres de trabalhos acadêmicos ligados aos cursos de licenciatura da UFPA e aos professores e professoras da rede pública de ensino do Pará, atuantes nas regiões da Transamazonia, do Xingu e da Ilha do Marajó.

**Fotografia 2** – Roda de conversa dos cursos de Educação do Campo e Etnodesenvolvimento - UFPA.



Fonte: Marchesi (2019)

A partir da temática: “antigos e novos desafios para a construção da educação diferenciada”, a jornada promoveu discussões sobre a formação de educadores e educadoras indígenas, quilombolas, extrativistas, ribeirinhos e do campo, especialmente a partir das vivências dos egressos, estudantes e professores dos cursos de Educação do Campo, Etnodesenvolvimento e Magistério Extrativista da Terra do Meio, ligados ao *campus* universitário de Altamira - UFPA.

Assim, neste breve prefácio à entrevista apresentada na próxima seção, compartilhamos com os leitores uma importante reflexão proferida pelo

professor Miguel Arroyo na aula pública da jornada. Ela será o nosso ponto de partida ao contexto da entrevista, que tratará da educação no cenário político atual, considerando a perspectiva da história da educação colonialista no Brasil.

### **Trecho da abertura da aula pública do professor Miguel Arroyo na 1ªJAETNO em Altamira, Pará:**

*A história da educação no Brasil sempre começa com os jesuítas, mas eu me pergunto: e antes? O quê? Os indígenas que aqui estavam, que foram eliminados, não tinham educação? No fundo, nós reproduzimos também a história da educação que a colonização perpetuou.*

*Antes de nós, todos eram inumanos. Não eram educados. Esta é a nossa realidade! Quando começa aqui a história da nossa educação, é uma história de culturicídios! Povos originários: sem cultura, sem racionalidade, sem moralidade, sem valores, sem alma! Não humanos, não humanizáveis! Não são educáveis! O que fazer com eles? Essa é uma pergunta que os jesuítas colocaram e vão responder: Vamos acabar com suas culturas incultas, com seus valores imorais, com suas moralidades imorais, com suas irracionalidades! Vamos acabar com sua história, com as suas identidades coletivas! Verdadeiros culturicídios!*

*A história da educação como uma história de culturicídios. Está claro? Uma história de calar as culturas originárias, os valores originários, suas autoimagens positivas. Acabar com as crenças, em nome de adorar a um só deus, único e verdadeiro, santo, que está nos céus. Estão me entendendo? Essa é a realidade! Então esta é a tradição que nos acompanha. E eu diria para vocês que esta tradição continua presente em nossas escolas.*

*A Base Nacional poderia ser olhada nessa perspectiva: como essas histórias e culturas originárias, negras, indígenas, quilombolas, das florestas, das águas, estão contempladas numa parte dessa cultura nacional? Será que estão? (Foi uma perguntinha, viu?)*

*Não estão! Eu fiz questão de olhar. Não estão!*

*O negro, indígena, quilombola, ribeirinho que vai chegar nas escolas, ainda que aprenda a Base Nacional Comum, ele vai ter que destruir as suas autoimagens positivas dos seus pais e antepassados, de suas histórias, de suas crenças, de sua religião, de seus valores. Vai ter que destruí-las! Aqui mesmo, mulheres negras, não foi isso que aconteceu com vocês quando chegaram na escola? O que vocês ficaram sabendo da sua cultura, da história da África? O que vocês ficaram sabendo de suas religiões? “Macumba”, não é isso? “Macumba”? Está entendendo? E isto, por favor, está sendo colocado hoje!*

*Com o slogan de nosso “queridíssimo” presidente: “A pátria acima de tudo”. Não é isso? E depois completa: “Deus acima de todos”. Estão me entendendo? A mesma frase dos colonizadores! A coroa acima de tudo e deus (o único deus, a única crença, a única cultura) acima de todos! A mesma coisa!*

*Por favor, é que o tema que vocês me colocaram não é fácil. Não é fácil! Eu me senti muito desafiado e estou trazendo essas interrogações para todos nós. Por favor, assumamos essas interrogações de um tema que nos está sendo colocado!*

*Eu queria passar para outra tradição autoritária que está sendo a resposta hoje, brutal! Criminalizar, exterminar vidas com tradição autoritária. Olha que título eu coloquei, leve não é? Criminalizar, exterminar vidas com tradição autoritária. Isso é a nossa história! Vocês sabem quantos milhões de indígenas se calcula que foram mortos na colonização das Américas? Não só no Brasil, das Américas. Outro dia eu li um texto: mais de 40 milhões de indígenas foram mortos, exterminados na colonização das Américas. Em nome de convertê-los ao cristianismo, mas resistindo a ser convertidos! Estão entendendo? Essa é a realidade! 40 milhões de indígenas mortos, são muitos mortos! Se depois calculamos os milhões, milhares de escravos mortos já nos navios negreiros, nas senzalas, nos pelourinhos, nas lutas por terras nos quilombos de Palmares. Estão entendendo? Quantos negros mortos? Criminalizar, exterminar vidas com tradição autoritária é nossa história! (informação verbal)<sup>3</sup>*

Assim, por meio desta reflexão inicial lançada pelo professor Arroyo, enunciamos o contexto do diálogo da nossa entrevista, que em grande medida traz referências e elementos que superam uma análise superficial da cidade de Altamira, dos impactos da Usina Hidrelétrica Belo Monte e das mazelas sociais na Amazônia, frequentemente feita por pesquisadores alheios ou pouco atentos ao processo histórico de opressão na região.

Arroyo se impressiona com a cidade de Altamira e nos fala rigorosamente do momento nacional que estamos vivendo: da perspectiva da concretude histórica, dos ataques às ciências humanas e à educação e, em especial, à infância. Inquieto com as questões educacionais e suas interações com diversas áreas do conhecimento, ele nos leva à reflexão sobre o papel dos educadores no Brasil, particularmente da região amazônica.

Neste diálogo que tivemos à margem esquerda do rio Xingu, Arroyo fala do que viu e do que pensou diante da experiência deste encontro na Amazônia. Disse ter ouvido o grito dos colonizadores e, pensando as questões que estão colocadas nesse contexto “desumanizador” e opressor contra as classes sociais historicamente excluídas, o professor elabora uma série de questionamentos sobre este seu encontro com a cidade de Altamira, especialmente sobre as mazelas sociais e as condições precárias dos indígenas, negros, mulheres e crianças que observou pelas ruas.

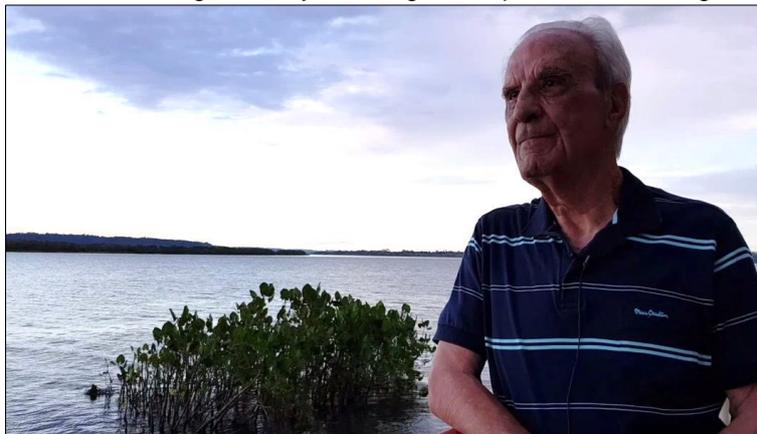
Com sua crítica ácida ao atual cenário político e ideológico, Arroyo dirá das interrogações que esse momento nos traz e nos alerta das perseguições contra todas e todos que tomam partido em defesa dos povos oprimidos, indígenas, quilombolas, camponeses e demais populações tradicionais. Dito isto, sem mais delongas, passemos à entrevista.

---

<sup>3</sup> Trecho da aula pública **Educação e as lutas pela afirmação dos territórios e territorialidades nas múltiplas Amazônias**, ministrada pelo professor Miguel G. Arroyo na 1ª JAETNO, SEMED - Altamira (PA), 02 julho de 2019.

## Entrevista com o professor Miguel Arroyo<sup>4</sup>:

**Fotografia 3** – Professor Miguel Arroyo à margem esquerda do rio Xingu, Altamira (PA).



Fonte: Marchesi (2019)

**Reinaldo Marchesi:** Saudações professor Miguel Arroyo, primeiro, é um prazer recebê-lo aqui na Jornada de Etnodiversidade e agradecemos a oportunidade deste encontro à margem do rio Xingu para falarmos sobre “os desafios da educação no cenário político atual” no Brasil, e falamos especialmente da educação das classes menos favorecidas, dos povos dos campos, das águas e das florestas, que são os que mais sofrem com as mazelas sociais em tempos de crise. Nesse sentido, o que significa para o senhor este encontro na Amazônia nesses tempos sombrios que estamos vivendo? O senhor pode falar um pouco das perspectivas da *educação no cenário político atual* já que esse foi tema da sua reflexão na conferência de abertura?

**Miguel Arroyo:** Em primeiro lugar, eu quero agradecer sinceramente, muito sinceramente, ter tido esta oportunidade de ter estado aqui com vocês. Pois quando pensamos na realidade nacional, esta realidade nacional nossa, há lugares que parecem que condensam essa realidade, há lugares onde se condensam as injustiças, se condensam a opressão, a pobreza, se condensa toda essa estrutura brutal que vem desde a colonização e que perdura. Eu acho que eu ter vindo aqui, para mim, não foi só o tema que nós escolhemos, o que me deixou mais impressionado foi a realidade que eu estou vivendo e, sobretudo, ver essa realidade aqui perto do rio Xingu: estes indígenas, este pessoal em sua maioria – me chamou muita atenção: negros, pobres e muitas mulheres carregando seus filhos, levando de um lado para outro, sobrevivendo nesta realidade.

Eu acho que, às vezes, quando falamos em termos nacionais, perdemos um pouco a perspectiva da realidade concreta, da concretude histórica social. E aqui parece que vocês estão em uma espécie de laboratório dessas sínteses de dramas sociais, políticos e até pedagógicos que estamos vivendo hoje no Brasil. Eu volto muito impressionado por isso: Altamira, o rio Xingu, as águas, a floresta, a pobreza e a miséria. Agora que passamos aí: os indígenas. Esses indígenas parecem perdidos! Parece que estamos ainda com

<sup>4</sup> ARROYO, Miguel G. **Os desafios da educação no cenário político atual.** Entrevista concedida a Reinaldo de Souza Marchesi e Leonardo Zenha Cordeiro. Altamira (PA), 02 de jul. 2019. 1 arquivo .mp4 (10 min. 27s.).

aquele grito... parece que ainda há o eco! Quando eu ainda estava olhando para eles, me pareceu ainda ouvir o eco dos colonizadores, dizendo: "TERRA À VISTA!"

Mas não só terra à vista... outros povos à vista! O que fazer com eles? Respeitá-los no direito às suas terras? Não! "Não são humanos!" Aquela resposta que foi dada a esses povos, de dizer: "não são humanos!", são deficientes em humanidade, não têm direito às suas terras, não têm direito a ter direitos – parece que ecoa até hoje.

**Reinaldo Marchesi:** Foi isso que o senhor sentiu quando nós cruzamos pelas pessoas nas ruas de Altamira, especialmente com os indígenas?

**Miguel Arroyo:** Quando eu vejo... a hora que nós passamos, que você me mostrou... pareciam que estavam assim: perdidos, fora do lugar, à margem da sociedade, à margem da nação, à margem dos interesses. Fora de sua terra. Isto é terrível! É algo que... por isso que eu vou com uma sensação de que isso é uma síntese da história perpetuada, persistente! Uma história de brutalidades, de desumanização e, sobretudo, de uma história que aparece muito visível: a cor, a raça, a etnia, dos sempre, sempre, marginalizados, segregados e oprimidos. Isto é para mim... eu vou muito impressionado, viu! Esta é a primeira coisa que eu queria dizer.

**Reinaldo Marchesi:** E como falar do lugar e do momento que nós estamos vivendo? E quais os desafios da educação no cenário político atual?

**Miguel Arroyo:** Lembra que eu coloquei na minha introdução, disse: eu não vou falar simplesmente do momento que estamos, mas que interrogações esse momento nos traz? Quando a gente chega num lugar como este, quando vê esses indígenas aí perdidos. Quando vê todo esse pessoal aqui... sem saber o que fazer da vida. Essas canoas, essas voadeiras. Quando vê tudo isso de um lado para outro... Eu me deixo interrogar! Acho que essa que é a função nossa: deixemo-nos interrogar, por favor! Por favor!

Tem uma frase, que eu sempre acho maravilhosa, do Hobsbawm, um grande historiador, que ele falou, nos tempos quando ele escreveu o último livro dele *Tempos interessantes: uma vida no século XX*, ele nos colocou assim:

Observei e ouvi, buscando entender a história de meu próprio tempo... Não nos desarmemos, mesmo em tempos insatisfatórios. A injustiça social ainda precisa ser denunciada e combatida. O mundo não vai melhorar sozinho. (HOBSBAWM, 2002, p. 455).

Eu acho que essa é a grande mensagem que nós devíamos retomar. Estamos em um tempo em que as interrogações são tão brutais, as indagações são tão fortes, que ou a pedagogia e as ciências humanas se deixam interrogar e tomam partido, ou então perdemos já o sentido de nossa própria existência, de nossa própria função social. Isso que me parece, para mim, esta vinda aqui me deixa, me confirma essas crenças que eu sempre tive. Um dos livros que escrevi *O educador em diálogo com nosso tempo*, eu acho que fala um pouco do que deveríamos ter sempre.

**Reinaldo Marchesi:** E o que o professor diz sobre a universidade?

**Miguel Arroyo:** E aí passo a um outro ponto que me pareceu muito importante, a pergunta que agora estávamos nos fazendo: será que essas interrogações chegam na universidade? É possível uma universidade, num lugar como esse, que não se deixe interrogar? É possível uma universidade que não tome partido? E somos condenados por ter tomado partido!

O que eu senti com muita força, ontem de noite, hoje de manhã, nas perguntas que foram feitas, lúcidas, perguntas lúcidas, de uma lucidez impressionante! Eu senti uma coisa: que vocês tomaram partido! E vão ser condenados por isso! Se preparem! Vão ser condenados por tomar partido a favor dos homens das águas, a favor do povo, a favor dos negros, dos indígenas, a favor dos sem-terra, contra esta loucura que está chegando, que já chegou, Belo Monte, Belo Sun, e que vai chegar mais...

Eu acho que estamos num momento: ou a universidade toma partido, ou se não tomar partido..., ela mesma perde o sentido. Para mim isto está muito claro, muito claro! E vou muito contente de ver que vocês tomaram partido.

**Reinaldo Marchesi:** E quais são as suas interrogações aos educadores e educadoras da Amazônia e do Brasil?

**Miguel Arroyo:** Agora a pergunta que nós fazíamos: será que é só a educação que toma partido? Será que não é necessário contagiar as outras áreas para que também tomem partido? Ou somar com as outras áreas que já tomaram partido? A educação não pode ficar isolada, por favor! Não, não pode! Hoje não está sendo atacada só a educação, estão sendo atacadas as ciências humanas! E isso é muito importante: está sendo atacada a escola básica! Estão sendo atacados os professores! Estão sendo atacados os professores porque defendem alunos e vão ser presos!

Estamos num momento, eu digo a vocês: para mim há sempre uma relação muito estreita entre as formas como são atacados os pobres, os oprimidos, os negros, indígenas, quilombolas, os párias da sociedade. As formas como eles são atacados, atacam a educação!

**Reinaldo Marchesi:** E por que atacam a educação?

**Miguel Arroyo:** Não é atacada a educação só porque prega verdades da sociologia, da antropologia, na educação, não! O que que é isso? O problema é muito mais sério! É porque nós estamos fortalecendo valores, resistências, daqueles que sempre foram controlados, oprimidos e que o poder sempre, com seu racismo, com sua segregação de classes, sempre quis calar! Acho que a grandeza da universidade e da educação hoje é que está sendo um lugar onde ecoam essas resistências. Vamos continuar? Vamos continuar abertos, escutando? Como falava hoje de manhã: por favor, escutemos! Escutemos que os gritos são muito fortes! Muito resistentes!

**Reinaldo Marchesi:** Em suas palavras: da lucidez das perguntas dos participantes e da cena dos indígenas nas ruas, o que mais o deixou

impressionado? O que mais chamou sua atenção em sua participação na Jornada de Etnodiversidade?

**Miguel Arroyo:** Aquela poesia com que vocês abriram hoje só falava em dor, resistência<sup>5</sup>. Quando falava dessa criança morta, estava falando da infância morta! Quando a infância é morta, quando a infância é atacada, a pedagogia, que nasceu para proteger a infância, é atacada e perde o sentido! Eu estava pensando isso, o que que essa poesia estava dizendo? Pedagogia, você pensou o que está acontecendo com a infância?

Porque se a infância é atacada... eu vou escrever, o próximo livro vai ser *Vidas ameaçadas*<sup>6</sup> e a minha tese é esta: quando a infância é atacada, a pedagogia é atacada! Porque a pedagogia nasceu colada à defesa da infância. Ou nós defendemos a infância, até para nos defendermos, ou nós morremos todos juntos!

**Reinaldo Marchesi:** Muito obrigado professor Miguel! Para nós é extremamente gratificante ouvir suas palavras porque também nos trazem força de incentivo para a nossa luta continuar, porque nas palavras do senhor mesmo, a resistência deve prosseguir.

**Miguel Arroyo:** Eu volto fortalecido! Sabendo que vocês estão aqui tão fortes e resistentes, eu quero participar e quero somar com essas resistências!

**Reinaldo Marchesi:** E por fim, qual é a sua mensagem aos educadores e educadoras do Xingu, da Transamazonia, do Marajó e das diversas comunidades tradicionais do Brasil?

**Miguel Arroyo:** Diante desses ataques, resistir é preciso! Mas não só resistir. Insistir em resistir! Porque os ataques ainda estão começando e vão ser ainda mais brutais. Preparemo-nos, por favor! Tomemos coragem, fortaleçamo-nos!

Os sem-terra sempre me falaram: "Educação direito nosso, dever do Estado", mas quando o Estado não vai responder os nossos direitos, temos que nos fortalecermos para nós mesmos conquistarmos esses direitos.

**Reinaldo Marchesi:** A luta continua! Muito obrigado professor!

Rio Xingu, Altamira, Pará, 02 de julho de 2019.

---

<sup>5</sup> "A morte de Nanã", poema de Patativa do Assaré, declamado pelo poeta e professor Paulo Vieira (UFPA) na abertura da 1ª Jornada de Etnodiversidade (2019), transcrito integralmente ao final da entrevista.

<sup>6</sup> O livro **Vidas ameaçadas: exigências-respostas éticas da educação e da docência** foi publicado ainda no ano de 2019, conforme consta nas referências deste trabalho.

**Poema: A morte de Nanã. Autor: Patativa do Assaré (1978)**

A Morte de Nanã.  
 Eu vou contá uma história  
 Que eu não sei como comece,  
 Pruque meu coração chora,  
 A dô no meu peito cresce,  
 Omenta o meu sofrimento  
 E fico uvindo o lamento  
 De minha arma dilurida,  
 Pois é bem triste a sentença,  
 De quem perdeu na insistença  
 O que mais amou na vida.

Já tou véio, acabrunhado,  
 Mas inriba deste chão,  
 Fui o mais afurtunado  
 De todos fios de Adão.  
 Dentro da minha pobreza,  
 Eu tinha grande riqueza:  
 Era uma querida fia,  
 Porem morreu muito nova.  
 Foi sacudida na cova  
 Com seis ano e doze dia.

Morreu na sua inocença  
 Aquele anjo incantadô,  
 Que foi na sua insistença,  
 A cura da minha dô  
 E a vida do meu vivê.  
 Eu beijava, com prazê,  
 Todo dia demenhã,  
 Sua face pura e bela.  
 Era Ana o nome dela,  
 Mas eu chamava Nanã.

Nanã tinha mais primo  
 De que as mais bonita jóia,  
 Mais linda do que as fulo  
 De um tá de Jardim de Tróia  
 Que fala o dotô Conrado.  
 Seu cabelo cachiado,  
 Preto da cô de viludo.  
 Nanã era meu tesôro,  
 Meu diamante, meu ôro,  
 Meu anjo, meu céu, meu tudo.

Pelo terrêro corria,  
 Sempre sirrindo e cantando,  
 Era lutrida e sadia,  
 Pois, mesmo se alimentando  
 Com feijão, mio e farinha,  
 Era gorda, bem gordinha  
 Minha querida Nanã,  
 Tão gorda que reluzia.  
 O seu corpo parecia  
 Uma banana maçã.

Todo dia, todo dia,

Quando eu vortava da roça,  
 Na mais compreta alegria,  
 Dentro da minha paioça  
 Minha Nanã eu achava.  
 Por isso, eu não invejava  
 Riqueza nem posição  
 Dos grande deste país,  
 Pois eu era o mais feliz  
 De todos fio de Adão.

Mas, neste mundo de Cristo,  
 Pobre não pode gozá.  
 Eu, quando me lembro disto,  
 Dá vontade de chorá.  
 Quando há seca no sertão,  
 Ao pobre farta feijão,  
 Farinha, mio e arrôis.  
 Foi isso que aconteceu:  
 A minha fia morreu,  
 Na seca de trinta e dois.

Vendo que não tinha inverno,  
 O meu patrão, um tirano,  
 Sem temê Deus nem o inferno,  
 Me dexou no desengano,  
 Sem nada mais me arranjá.  
 Teve que se alimentá,  
 Minha querida Nanã,  
 No mais penoso martrato,  
 Comendo caça do mato  
 E goma de mucunã.

E com as braba comida,  
 Aquela pobre inocente  
 Foi mudando a sua vida,  
 Foi ficando deferente.  
 Não sirria nem brincava,  
 Bem pôco se alimentava  
 E inquanto a sua gordura  
 No corpo diminuía,  
 No meu coração crescia  
 A minha grande tortura.

Quando ela via o angu,  
 Todo dia demenhã,  
 Ou mesmo o rôxo beju  
 Da goma da mucunã,  
 Sem a comida querê,  
 Oiava pro dicumê,  
 Depois oiava pra mim  
 E o meu coração doía,  
 Quando Nanã me dizia:  
 Papai, ô comida ruim!

Se passava o dia intero  
 E a coitada não comia,  
 Não brincava no terrêro

Nem cantava de alegria,  
 Pois a farta de alimento  
 Acaba o contentamento,  
 Tudo destrói e consome.  
 Não saía da tipóia  
 A minha adorada jóia,  
 Infraquecida de fome.

Daqueles óio tão lindo  
 Eu via a luz se apagando  
 E tudo diminuindo.  
 Quando eu tava reparando  
 Os oincho da criança,  
 Vinha na minha lembrança  
 Um candiêro vazio  
 Com uma tochinha acesa  
 Representando a tristeza  
 Bem na ponta do pavio.

E, numa noite de agosto,  
 Noite escura e sem luá,  
 Eu vi crescê meu desgosto,  
 Eu vi crescê meu pená.  
 Naquela noite, a criança  
 Se achava sem esperança.  
 E quando vêi o rompê  
 Da linda e risonha orora,  
 Fartava bem pôcas hora  
 Pra minha Nanã morrê.

Por ali ninguém chegou,  
 Ninguém reparou nem viu  
 Aquela cena de horrô  
 Que o rico nunca assistiu,  
 Só eu e minha muié,  
 Que ainda cheia de fé  
 Rezava pro Pai Eterno,  
 Dando suspiro maguado  
 Com o seu rosto moiado  
 Das água do amô materno.

E, enquanto nós assistia  
 A morte da pequenina,  
 Na manhã daquele dia,  
 Veio um bando de campina,  
 De canaro e sabiá  
 E começaro a cantá  
 Um hino santificado,  
 Na copa de um cajuêro  
 Que havia bem no terrêro  
 Do meu rancho esburacado.

Aqueles passo cantava,  
 Em lovô da despedida,  
 Vendo que Nanã dexava  
 As miséra desta vida.  
 Pois não havia recurso,  
 Já tava fugindo os purço.  
 Naquele estado misquinho,

la apressando o cansaço,  
 Seguindo pelo compasso  
 Das musga dos passarinho.

Na sua pequena boca  
 Eu vi os laibo tremendo  
 E, naquela afrição lôca,  
 Ela também conhecendo  
 Que a vida tava no fim,  
 Foi regalando pra mim  
 Os tristes oincho seu,  
 Fez um esforço ai, ai, ai,  
 E disse: “abença papai!”  
 Fechô os óio e morreu.

Enquanto finalizava  
 Seu momento derradêro,  
 Lá fora os passo cantava,  
 Na copa do cajuêro.  
 Em vez de gemido e chôro,  
 As ave cantava em coro.  
 Era o bendito prefeito  
 Da morte de meu anjinho.  
 Nunca mais os passarinho  
 Cantaro daquele jeito.

Naná foi, naquele dia,  
 A Jesus mostrá seu riso  
 E omentá mais a quantia  
 Dos anjo do Paraíso.  
 Na minha maginação,  
 Caço e não acho expressão  
 Pra dizê como é que fico.  
 Pensando naquele adeus  
 E a culpa não é de Deus,  
 A culpa é dos home rico.

Morreu no maió matrato  
 Meu amô lindo e mimoso.  
 Meu patrão, aquele ingrato,  
 Foi o maió criminoso,  
 Foi o maió assarsino.  
 O meu anjo pequenino  
 Foi sacudido no fundo  
 Do mais pobre cimitero  
 E eu hoje me considero  
 O mais pobre deste mundo.

Saluçando, pensativo,  
 Sem consolo e sem assunto,  
 Eu sinto que inda tou vivo,  
 Mas meu jeito é de defunto.  
 Invorvido na tristeza,  
 No meu rancho de pobreza,  
 Toda vez que eu vou rezá,  
 Com meus juêio no chão,  
 Peço em minhas oração:  
 Nanã, venha me buscá!

## Referências

ARROYO, Miguel G. **Os desafios da educação no cenário político atual.** Entrevista concedida a Reinaldo de Souza Marchesi e Leonardo Zenha Cordeiro. Altamira (PA), 02 de jul. 2019. 1 arquivo .mp4 (11min. 27s.).

ARROYO, Miguel G. **Vidas ameaçadas:** exigências-respostas éticas da educação e da docência. Petrópolis - RJ: Editora Vozes, 2019.

ASSARÉ, Patativa. **Cante lá, que Eu Canto cá.** Rio de Janeiro: Vozes, 1978.

HOBBSAWM, E. J. **Tempos interessantes:** uma vida no século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MARCHESI, Reinaldo de Souza. **Conferência de abertura da 1ª JAETNO.** 2019. 1 fotografia.

MARCHESI, Reinaldo de Souza. **Roda de conversa dos cursos de Educação do Campo e Etnodesenvolvimento - UFPA.** 2019. 2 fotografia.

MARCHESI, Reinaldo de Souza. **Miguel Arroyo à margem esquerda do rio Xingu, Altamira (PA).** 2019. 3 fotografia.

NOGUEIRA, Paulo Henrique de Queiroz; MIRANDA, Shirley Aparecida de (Orgs.). **Miguel Gonzáles Arroyo:** educador em diálogo com nosso tempo. Belo Horizonte - MG: Autêntica, 2011.

Enviado em: 09/julho/2020 | Aprovado em: 21/agosto/2020